

AS CONSOANTES PLOSIVAS EM BILÍNGUES (PORTUGUÊS/ ALEMÃO) E MONOLÍNGUES (PORTUGUÊS): UMA ANÁLISE COMPARATIVA

SILVA, Felipe, Bilharva¹; FERREIRA-GONÇALVES, Giovana²

¹Universidade Federal de Pelotas, Letras- Português e Literaturas de Língua Portuguesa - felipebilharva@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação - gfgb@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

No âmbito das pesquisas linguísticas que investigam o processo de aquisição da linguagem humana, um tema, sempre relevante, é o bilinguismo. Os pesquisadores interessados nesta temática buscam compreender como é possível o fato de que a criança, ao nascer, consegue apreender duas línguas – por vezes extremamente distintas entre si – e utilizá-las com total perfeição, feito de grande complexidade para qualquer adulto. Responder adequadamente a esta genérica questão pode revelar pistas importantes sobre como o ser humano é capaz de adquirir o dom da fala de forma tão rápida e satisfatória.

Buscando colaborar com tais pesquisas que estudam a aquisição da linguagem em indivíduos bilíngues, o presente trabalho visa focar em um recorte específico da linguagem humana: o comportamento das consoantes plosivas, na posição de *onset* (início de sílaba), em sujeitos bilíngues falantes do português brasileiro (PB) e de um dialeto alemão, durante a fase de aquisição da linguagem escrita.

O corpus para a realização desta pesquisa é constituído por doze (12) entrevistas orais e doze (12) produções escritas de estudantes da segunda e da sexta séries de uma escola pública da cidade de Agudo, interior do Rio Grande do Sul. Destas doze produções, seis (6) são relativas a alunos monolíngues e seis (6) a bilíngues, totalizando um número de vinte e quatro (24) entrevistas orais e vinte e quatro (24) produções escritas. A cidade de Agudo foi selecionada por apresentar um grande índice de moradores descendentes de alemães, uma vez que a região abrigou inúmeros imigrantes a partir da segunda metade do século XIX.

A escolha pelo trabalho com as consoantes plosivas deu-se pelo argumento de Houwer (1997) de que, em estudos que abordem a relação entre as duas línguas de crianças bilíngues, “só se pode tomar como base para a análise comparativa construções relacionadas que diferem nas línguas de *input*” (HOUWER, 1997, p. 207). Sabendo-se que as línguas de *input* são aquelas recebidas pelo aprendiz, entende-se que, para ser possível a realização de um estudo deste tipo, o investigador deve buscar padrões que sejam diferentes entre as duas línguas do aprendiz, a fim de que se torne possível analisar se as falhas cometidas por ele são originadas pela influência de sua outra língua ou não. Assim, em um estudo que aborde as fronteiras entre o português e o alemão em um sujeito bilíngue, é necessário que a característica linguística focalizada ocorra de forma diferente nestas duas línguas. Só assim será possível, ao pesquisador, avaliar se as falhas cometidas pelo aprendiz na Língua Portuguesa são motivadas pela influência do alemão ou por algum fator terceiro.

A fim de buscar características diferenciadas entre o português e o alemão, as consoantes plosivas foram selecionadas neste estudo como base para a análise interlinguística, já que estas consoantes não se comportam da mesma forma nos dois sistemas analisados. Assim, busca-se estabelecer um comparativo do comportamento destes segmentos em dois momentos distintos da aquisição da escrita: sua fase inicial (segunda série) e uma etapa mais adiantada, na qual já há um domínio maior do código (sexta série). Objetiva-se analisar, ainda, se o contato com a língua escrita irá promover alterações no comportamento das plosivas.

No presente trabalho, é válido acrescentar, o conceito de plosivas é equivalente à classe de consoantes que Cristóvão Silva (2001) define como oclusivas:

Os articuladores produzem uma obstrução completa da passagem de ar através da boca. O véu palatino está levantado e o ar que vem dos pulmões encaminha-se para a cavidade oral. Oclusivas são, portanto, consoantes orais. As consoantes oclusivas que ocorrem em português são (...): **pá, tá, cá, bar, dá, gol**. (CRISTÓFARO SILVA, 2001, p. 33).

Tais segmentos, como referido, apresentam características destoantes entre as duas línguas analisadas. Gewehr-Borella (2010) afirma que o diferencial existente entre as plosivas do PB e do alemão padrão refere-se ao vozeamento. Este diferencial diz respeito à forma de vibração das cordas vocais em cada grupo de segmentos. Segundo a literatura da área, pode ser classificado em três categorias distintas:

- 1^a) negativa, que nos mostra um pré-vozeamento, ou seja, uma vibração das cordas vocais antes da soltura da oclusiva, em média de -100ms;
- 2^a) zero, que apresenta um período de surdez pequeno, em que o início de vozeamento e a soltura ocorrem em um período bastante próximo, em torno de +10ms;
- 3^a) positiva, apresentando um período de surdez mais longo, isto é, um retardo no início da vibração das pregas vocais, em torno de +75ms. (LISKER e ABRAMSON, 1964, *apud* GEWEHR-BORELLA, 2010, pp. 36-37)

As plosivas sonoras do português, em geral, enquadram-se na primeira categoria, pois, antes mesmo da ocorrência da explosão que originará o som da consoante, as cordas vocais já estão em processo de vibração. As plosivas surdas, por sua vez, enquadram-se na segunda categoria, pois, após a explosão, há uma pequena soltura de ar sem a vibração das cordas vocais. No alemão padrão, por outro lado, as plosivas sonoras apresentam comportamento semelhante às surdas do português, enquadrando-se, desta forma, na segunda categoria. Já as plosivas surdas enquadram-se na terceira categoria, pois, após a explosão, há um grande período de soltura do ar, antes da vibração das cordas vocais. Assim, como é possível perceber, as plosivas surdas do português brasileiro apresentam um padrão de vozeamento extremamente semelhante ao das sonoras do alemão, podendo gerar, desta forma, equívocos na percepção e na produção destes segmentos por parte do aprendiz.

Este comportamento diferenciado das plosivas no português e no alemão permite ao pesquisador o traçado de comparações na fala dos sujeitos analisados, avaliando se os equívocos causados por eles nestes segmentos devem-se à influência de sua outra língua materna. Caso a resposta seja afirmativa, será possível inferir que, dentre as duas línguas de um falante bilíngue, há uma mútua interferência, e o sistema de cada uma pode ser alterado pelo contato com a outra. As alterações podem, ainda, transparecer nas produções escritas.

2. METODOLOGIA

Para que a presente pesquisa pudesse ser desenvolvida, foi necessário que algumas etapas fundamentais fossem realizadas, a fim de que o material bruto obtido na coleta de dados fosse transformado em um *corpus* consistente e organizado, passível de uma análise científica.

O passo inicial da pesquisa prática foi dado na coleta de dados. Esta foi baseada na narração da estória *Frog, where are you?* (Mayer, 1969), elaborada exclusivamente em linguagem não-verbal. Os alunos, de 2^a. e 6^a. séries, em um primeiro momento, individualmente, realizaram uma entrevista oral, a qual foi coletada com o suporte do gravador digital *Oregon Scientific VR 636*. Após, em um período da aula de Língua Portuguesa, os alunos produziram textos escritos, baseados na mesma estória. Com o *corpus* bruto em mãos, o passo seguinte foi a transcrição das entrevistas orais e a digitalização das produções escritas, a fim de manter os dados salvos de forma segura e organizada.

Após esta etapa fundamental de digitalização e organização, os dados foram divididos em dois grandes grupos: o grupo bilíngue (B) e o grupo monolíngue (M). Cada um deles contou com seis integrantes de cada série, totalizando doze (12) alunos no grupo B e doze (12) no grupo M. Após essa divisão, partiu-se, então, para a descrição dos dados relativos aos segmentos a serem investigados, ou seja, as plosivas. A princípio, todos os itens lexicais dotados de plosivas foram extraídos das produções e dispostos em duas tabelas por aluno: em uma delas, constavam os dados orais e, na outra, os dados escritos. Nestas tabelas, foi exposta, ainda, a transcrição fonética de cada palavra. Na sequência, novas tabelas foram compostas, contendo, dessa vez, colunas que contabilizavam o número de produções que acertavam o alvo, o número de produções que não acertavam o alvo e, nas tabelas referentes à oralidade, o número de produções gradientes, ou seja, que apresentaram, ainda que com base na análise de outiva, uma produção intermediária entre um segmento surdo e um segmento sonoro.

No momento seguinte, foi realizada a análise acústica dos segmentos plosivos dos dois grupos, B e M, com o recurso do programa *Praat*, versão 5.1.4.3. Com o auxílio desta ferramenta, foi possível perceber o tempo médio de VOT (*voice onset time*) – ou seja, “o período de surdez entre a soltura/explosão da consoante e o início da periodicidade de vozeamento do segmento seguinte” (LISKE e ABRAMSON, 1964, apud GEWEHR-BORELLA, 2010, pp. 36-37) – de cada sujeito para as plosivas surdas e sonoras. Por fim, foram estabelecidos os tempos médios do VOT de cada grupo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise acústica das produções dos dois grupos corroborou os resultados encontrados em Borella (2010); desta forma, notou-se que os sujeitos do grupo B apresentaram índices de VOT um pouco maiores que os do grupo M. Uma hipótese para a explicação deste fato é a interferência do dialeto alemão, a qual faz com que os sujeitos bilíngues apliquem, ao sistema linguístico do português brasileiro, regras do alemão.

Além disso, foi percebido, no grupo B, um índice menor de pré-vozeamento nas consoantes plosivas sonoras do português brasileiro. Este fato pode explicar-se pela ausência de pré-vozeamento nas plosivas sonoras do alemão.

O VOT mais longo, nos sujeitos do grupo B, pode levar estes indivíduos a perceber de forma diferenciada o *input* do português brasileiro, confundindo, desta forma, as plosivas surdas deste sistema com as sonoras do alemão. Este fato pode ser uma das motivações que levam falantes bilíngues a cometerem trocas de sonoridade, como a produção do item lexical [p]olacha no lugar de [b]olacha, por exemplo.

As produções escritas, por sua vez, apresentaram, de maneira geral, variações, embora em pequena escala, de sonoridade em quase todos os segmentos plosivos, especialmente na direção sonoro – surdo. Alguns casos específicos são dignos de destaque, como a variação na direção surdo – sonoro (contrariando as hipóteses deste trabalho) e trocas de sonoridade significativas em alguns sujeitos.

4. CONCLUSÃO

Após a análise dos resultados obtidos na presente pesquisa, é possível concluir que o dialeto alemão falado na cidade de Agudo – RS exerce influência sobre a língua portuguesa durante a fase de aquisição da escrita, como aponta a comparação estabelecida entre as duas línguas dos sujeitos do grupo B, a qual mostra uma propensão à produção de consoantes plosivas da língua portuguesa com índices maiores de VOT.

5. REFERÊNCIAS

GEWEHR-BORELLA, Sabrina. **A influência da fala bilíngüe hunsrückisch-português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais**. 2010. 205 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas –UCPEL, Pelotas.

HOUWER, Annick de. Aquisição bilíngüe da linguagem. In: FLETCHER, Paul; MACWHINNEY, Brian. **Compêndio da linguagem da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, pp. 185 – 208.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. Fonética. In: _____. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001, pp. 23 – 41.